

**ÁGUAS VERDES:
SINUOSIDADES POÉTICAS NA MALHA URBANA DE CURITIBA¹**

**GREEN WATERS:
POETIC SINUOSITIES IN THE URBAN FABRIC OF CURITIBA¹**

Flávia Camerlingo Caló

RESUMO

O presente texto, *Águas Verdes: sinuosidades poéticas da malha urbana de Curitiba*, se refere a uma investigação artística familiarizada com questões citadinas. A importância das relações entre paisagem natural e humanizada, assim como, a obra arquitetônica *High Line Park* projetada e administrada pela equipe Field Ops/DS+R e a obra artística *Time Landscape of New York* de Alan Sonfist, ambas produzidas em Manhattan, NYC, inspiraram-me na escolha do meu objeto de estudo: a descanalização imaginária do rio Água Verde e seus afluentes, e consequente criação de uma área verde no entorno do percurso integral. O resultado deste processo criativo surgiu na forma de desenhos coloridos em papel vegetal, expostos no SOMA Galeria, em Curitiba.

PALAVRAS-CHAVE: Rio; cidade; áreas verdes; malha urbana; desenhos coloridos.

ABSTRACT

The text, Green Waters: poetic sinuosities of the urban fabric of Curitiba, refers to an artistic investigation familiarized with urban issues. The importance of the relationships between natural and humanized landscapes as well as the architectural works High Line Park, designed and managed by the Field Ops/DS+R team, and the artistic work Time Landscape of New York, by Alan Sonfist, both created in Manhattan, NYC, have inspired me in the choice of my object of study: the imaginative restoration of the Água Verde river and its tributaries, and consequent creation of a green area around its whole route. The result of this creative process arose in the form of colorful drawings in vegetal paper, exhibited at the SOMA Galeria, in Curitiba.

KEYWORDS: River; city; green areas; urban fabric; colorful drawings.

Primeira curva do rio: nascente da pesquisa

Acredito que o ambiente urbano está em contínua transformação. As pessoas convivem, por meio da visualização dos objetos construídos, com vários tempos simultaneamente: convivência do passado e do presente, vestígios de memórias naturais e culturais da cidade: “A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições [...]” (SANTOS, 2014, p. 72).

Ponderando as reflexões iniciais e a minha formação em arquitetura e urbanismo, é natural meu olhar voltar-se para questões correlatas às cidades. Dois trabalhos inspiraram-me na escolha da investigação que ora apresento; eles demonstram possibilidades de realização do processo de urbanismo de forma inversa e priorizam referências históricas locais e geográficas originais: a obra de arquitetura denominada *High Line Park*² e o trabalho do artista Alan Sonfist, *Time Landscape of New York*³, ambos produzidos em Manhattan, NYC.

High Line Park (figura 1) é um parque urbano linear, suspenso a 8 metros do nível da rua, criado a partir da recuperação de uma antiga linha ferroviária elevada para transporte de carga, que abasteceu a ilha de Manhattan de 1934 a 1980. É referência mundial por sua qualidade arquitetônica, pelo êxito na renovação de uma área central degradada e pelo paisagismo voltado à utilização da vegetação nativa, nascida na época em que a via férrea esteve abandonada.



Figura 1: Flávia Camerlingo (1962). *High Line Park*, NYC, 2012. 1 fotografia, color, digital.
Acervo digital da autora

Em outra perspectiva, *Time Landscape of New York* (figura 2) foi trabalho artístico de Alan Sonfist, iniciado em 1965, com o objetivo de reflorestar, com espécies nativas do período pré-colonial americano, um terreno no bairro de *Greenwich Village*. Após explorações, histórica, geológica e, principalmente, botânica do local, em 1978 iniciou-se a execução do projeto, com semeadura e plantio de mudas arbóreas. Alan Sonfist considera o procedimento formal de retorno à natureza inserido em malha urbana, como maneira de tornar visível o passado natural do lugar.

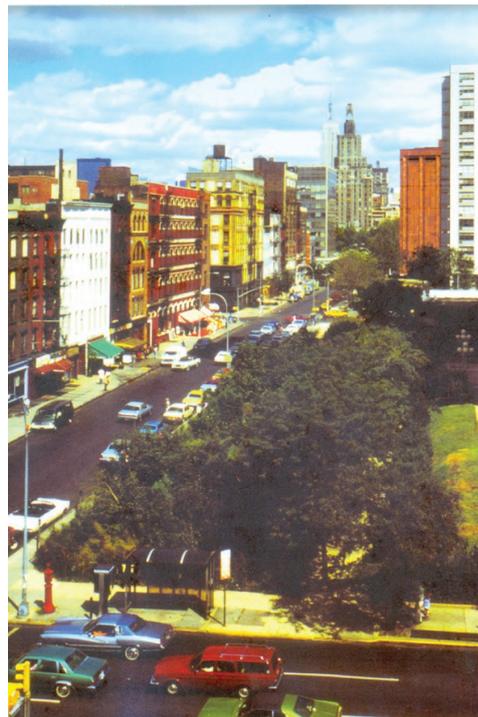


Figura 2: Alan Sonfist (1946). *Time Landscape of New York*, NYC, ca 2004. 1 fotografia, color.
 Livro: *Nature the end of art: environmental landscapes*, p. 241.

Seguindo essa linha de raciocínio, as ideias passaram a transitar sobre a existência, em nossas cidades, de coberturas vegetais e de rios. Deste modo, busquei focar minha pesquisa poética, especificamente, nas margens do rio Água Verde, afluente do rio Belém, um dos principais rios de Curitiba (Paraná, região sul do Brasil).

A escolha do rio Água Verde e de seus afluentes deve-se, além do seu nome e do seu interessante leito retilíneo, ao fato de o rio, atualmente, estar canalizado em quase toda sua extensão, fato decisivo para o processo criativo de sua “descanalização” por meio da criação de desenhos coloridos, em papel vegetal. Em consequência, este “ressurgimento” foi pensado paralelamente ao reflorestamento

da área circundante, no trajeto integral do curso d'água, com o objetivo de despertar, nas pessoas, a atenção para com a natureza, com o entendimento de que a paisagem estabelece comunicação com o ser humano por intermédio da visão e estabelece significados que podem ser ressignificados pela memória.

Navegando por entre informações históricas, fotográficas e mapas cadastrais do município de Curitiba, cabe salientar que o nome do rio – Água Verde – originou-se em finais do século XIX, pela observação da coloração esverdeada de suas águas, dada a presença de algas em seu leito e da vegetação acumulada em suas bordas (DESTEFANI, 2009). Examinando mapas, constatei que a sua dimensão longitudinal é de aproximadamente 4 km. A sua nascente, hoje canalizada, está situada na rua Estevão Bayão, no bairro Batel (FERNANDES, 2009), e seu curso, no sentido oeste-leste, percorre os bairros Batel, Água Verde, Rebouças e Prado Velho, quando deságua no rio Belém, sua foz.

A seguir, uma vista do rio Água Verde no bairro Rebouças (figura 3):



Figura 3: Arthur Wischral (1894-1982)⁴. Bairro Rebouças, Rio Água Verde – Saneamento, 1962.
1 fotografia, p&b.

Acervo Casa da Memória, Curitiba/PR.

Segunda curva do rio: bases gráficas dos desenhos coloridos

No trajeto artístico percorrido, foi possível tornar visível o rio Água Verde, pela sua apresentação gráfica, a partir de uma visualização imaginária da paisagem e do seu entorno. Este “tornar visível” ficcional está diretamente vinculado ao que a vista abrange e revela, como sinaliza Besse (2006): “O visível conta algo, uma história,

CALÓ. Flávia Camerlingo. Águas verdes: sinuosidades poéticas na malha urbana de Curitiba¹, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2092-2106.

ele é a manifestação de uma realidade [...]” Relativo a um enfoque individual, mais do que ver, é também sentir, aproximar-se. Logo, o “escorregamento do meu olhar” do horizonte-paisagem para o solo-geografia, provocou o surgimento das tramas que constituíram o processo pictórico em distintos matizes cromáticos, e permitiu encontrar soluções paisagísticas na junção entre o rio Água Verde e a área circundante.

No decorrer das primeiras experiências gráficas e consequentes reflexões sobre minha investigação, percebi que o suporte escolhido para a evolução gráfica vinha ao encontro da cristalinidade do elemento água – o papel vegetal. Sua translucidez permitiu tanto sobreposições de folhas riscadas como cópias de mapas cadastrais, com uso da gramatura de 90 g/m². Considero importante citar minha afinidade com este material na prática profissional como arquiteta, empregado por diversas vezes em desenhos técnicos.

Paralelamente aos primeiros rascunhos, defini os limites geográficos e metragens dos suportes, tendo como referências a localização do traço integral do rio, as ruas, as curvas de nível locais e as áreas adjacentes consideradas relevantes para a continuidade do trabalho. O fato de estas correntes fluviais terem percurso retilíneo em praticamente toda a sua extensão, contribuiu para reiterar a horizontalidade dos desenhos, bem como o formato do suporte. Com isso, fiz escolhas baseadas nos mapas de arruamento⁵ e de altimetria⁶. Cabe salientar que o rio Belém foi um dos limites geográficos escolhidos, que marquei como referência colorida. Definida a cor verde-limão para mostrar a localização do rio Água Verde e reforçar-lhe pictoricamente o nome, escolhi para o rio Belém coloração azul-piscina, a fim de contrastar com as cores quentes dos desenhos.

Assim sendo, a primeira base gráfica a ser construída foi a malha urbana real, nominada de “ARR p\lb”. Produzi-a a nanquim, na escala de 1: 10.000, acompanhando o molde de um mapa cadastral que utiliza o sistema de coordenadas planas UTM⁷ no formato de grade reticulada (figura 4). Esta base serviu como suporte para sinalizar o tráfego e, com isso, auxiliar nos ensaios que melhor solucionassem a transformação formal da malha viária, compatível com o novo afloramento do rio Água Verde.

CALÓ. Flávia Camerlingo. Águas verdes: sinuosidades poéticas na malha urbana de Curitiba¹, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2092-2106.

A segunda base gráfica, também na escala de 1: 10.000, partiu do mapa de altimetria⁸ e foi designada simplesmente de “Curvas de Nível”. Elaborada a grafite, nanquim e caneta hidrocor, em papel vegetal (37,0 x 79,8 cm), ela mostra as curvas de nível escolhidas dentro dos limites geográficos definidos anteriormente e suas respectivas cotas de altitude, necessárias para o prosseguimento da pesquisa.

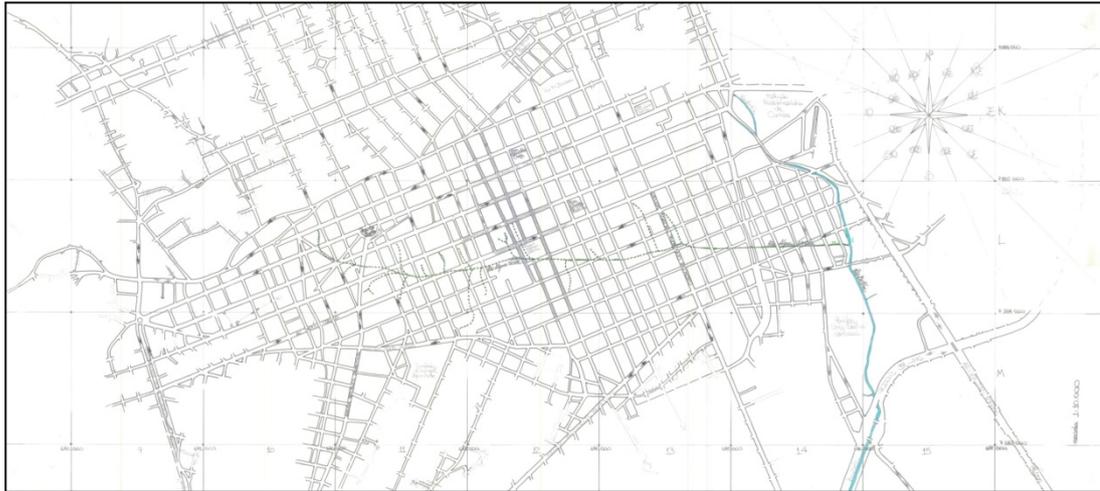


Figura 4: Flávia Camerlingo (1962). “ARRp\lb”, 2015.
 Nanquim e caneta hidrocor sobre papel vegetal, 37,5 x 83,0 cm.
 Acervo da artista.

A partir da legenda colorida de hipsometria⁹ existente no mapa altimétrico, iniciei o processo de escolha de novas tonalidades. Com matizes de tons quentes, equivalentes nos lápis aquarelados e nas canetas hidrocor, busquei encontrar uma graduação suave, contínua, baseada na quantidade de curvas existentes dentro da extensão geográfica escolhida para cada desenho individualmente. Cabe aqui ressaltar a forma de aplicação destas cores: em representação hipsométrica, plantas e mapas são coloridos em toda a sua extensão topográfica, isto é, entre uma curva de nível e outra, conforme as cotas de altitude do terreno. No meu caso, matizei diretamente as linhas sinuosas que formam estas curvas, estendi os tons conforme a intenção poética requerida no suporte e preenchi ora a representação das quadras, ora a das ruas.

O processo artístico de descanalizar imaginariamente o rio Água Verde impôs certas questões urbanísticas ligadas à realidade do local estudado. Atendo-me à trama formada pelas vias públicas existentes, criei novos percursos nos seus pontos de encontro com o rio; conseqüentemente, visei a formas de conectar os cruzamentos

CALÓ. Flávia Camerlingo. Águas verdes: sinuosidades poéticas na malha urbana de Curitiba¹, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2092-2106.

próximos e os que se encontrassem diretamente no traçado fluvial, de maneira que preservasse o sentido do trânsito atual. Conquanto seja “narrativa” ficcional, considere-se que a nova estrutura viária dever-se-ia apresentar como possibilidade real. O resultado dessas tentativas consistiu em “croqui” (executado com grafite, nanquim, lápis aquarelado e caneta hidrocor em papel vegetal; 37,5 x 86,0 cm), intitulado “Novo Arruamento”, em que surge a nova malha urbana imaginária, que coexiste com o rio aflorado e a área de proteção ambiental contígua em toda a sua longitude. Conforme Dardel (2015): “Com a estrada ou o canal, tradução topográfica da mobilidade humana, o homem se exprime espacialmente como construtor de espaços.”

Terceira curva do rio: criação dos desenhos coloridos

O ato de se pensar o local como realidade possibilitou-me a feitura de “Insensível Realidade” (figura 5), resultado pictórico da sobreposição dos desenhos “ARR p\b” (figura 4) e “Curvas de Nível”.

O título “Insensível Realidade” intensifica a representação gráfica, objetivando provocar no observador, reflexão sobre os centros urbanos. Mais do que localizar ruas, avenidas, vias estruturais conhecidas, visualiza-se malha urbana projetada no formato de quadrícula, utilizada em praticamente todas as cidades brasileiras.

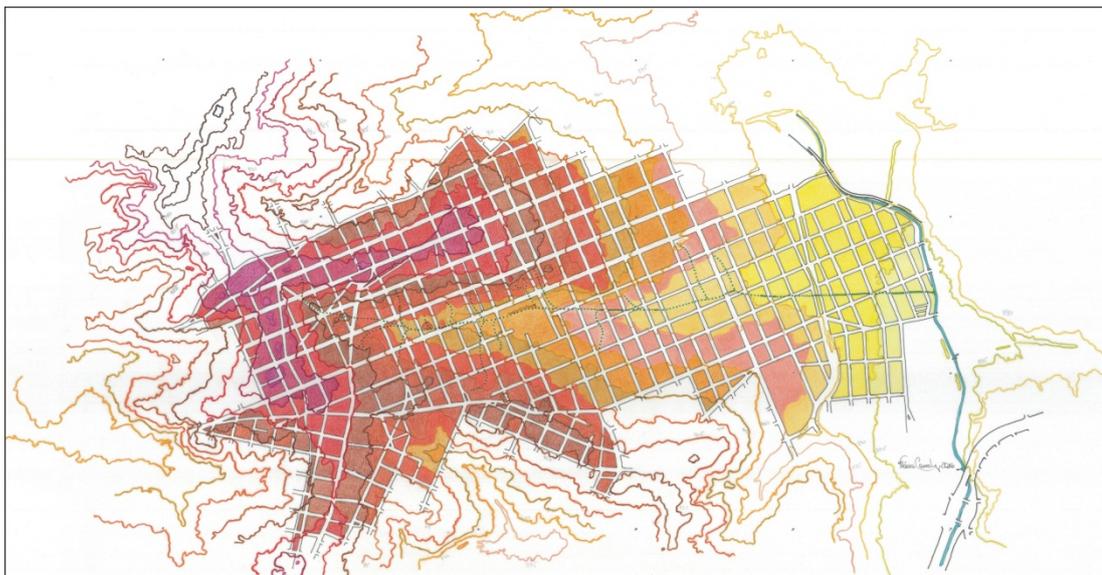


Figura 5: Flávia Camerlingo (1962). “Insensível Realidade”, 2016.
Grafite, nanquim, lápis aquarelado e caneta hidrocor sobre papel vegetal, 37,3 x 69,7 cm.
Acervo da artista.

Os traçados viários e o contorno do rio Belém não interferem visualmente na sinuosidade das espessas curvas coloridas e na colorização das quadras, o que, pictoricamente, corresponde ao nível de referência da altitude. Esta escolha teve como efeito provocar peso visual na realidade existente, cujo foco é o tecido urbano local.

O trabalho seguinte revela a transformação da malha pelo ressurgimento do rio Água Verde, denominado “Transbordamento” (figura 6), resultado da sobreposição dos desenhos “Novo Arruamento” e “Curvas de Nível”.



Figura 6: Flávia Camerlingo (1962). “Transbordamento”, 2016.
 Grafite, nanquim, lápis aquarelado e caneta hidrocor sobre papel vegetal, 37,3 x 74,5 cm.
 Acervo da artista.

Com a designação “Transbordamento” desejei reforçar a imagem pictórica criada por expressão linguística. Imaginariamente, o reaparecimento da nascente principal e de seus afluentes, com toda a pressão que as águas contidas sofriam pela sua canalização, provocou a movimentação das ruas e, conseqüentemente, das quadras ao redor desses pontos. Este elemento, se lhe for permitido fluir, ocupará todos os espaços. Conforme Bachelard (2013) salienta, “[...] para o devaneio materializante [do espectador] todos os líquidos são águas, tudo o que escoia é água, a água é o único elemento líquido. A liquidez é precisamente a característica elementar da água.”

A partir desse raciocínio, as linhas próximas dos pontos de jorramento, passaram a se movimentar em todas as direções. O fluxo transformou a malha urbana

quadriculada, esgarçando o tecido de tal forma que surgiram novas formas orgânicas. A força do extravasamento destas águas foi maior nos pontos próximos das nascentes e diminuíram de intensidade na medida em que delas se afastavam. Este efeito ficcional pode ser observado da seguinte maneira: as linhas sinuosas e, conseqüentemente, as superfícies curvas, orgânicas¹⁰, aparecem mais próximas do curso d'água; transformam-se em traços retilíneos e formas quadriculadas quando estão mais distantes do rio.

“Transbordamento” (figura 6) é desenho visualmente “mais leve” do que “Insensível Realidade” (figura 5). Utilizando os mesmos instrumentos pictóricos e o mesmo critério gráfico, a diferença está no tingimento das ruas em vez de tingir as quadras, o que evidenciou o novo sistema viário. A visualização é reforçada pelo preenchimento das novas “quadras orgânicas”; trata-se de ambiente imaginário, que envolve o rio Água Verde em toda sua extensão.

Quarta curva do rio: área verde circundante

O formato deste novo conjunto ficcional é apresentado mais minuciosamente em “Águas, Árvores, Caminhos” (figura 7). Este título aspira à simplicidade objetiva. Produzido na escala 1: 5.000, com ele pretendi aproximar o observador de uma potencialidade, ainda que imaginária, de um “vir a ser” real desta poética.

Para a criação de um local circundante ao rio Água Verde e inserto na cidade de Curitiba, ative-me à “legislação ambiental brasileira” correspondente à proteção de áreas chamadas de matas ciliares¹¹ ou de preservação permanente. Trabalhei especificamente as distâncias aproximadas de 30 metros para as margens do rio e afluentes, e de 50 metros de raio, em torno dos pontos de afloramento das águas. O importante foi recuperar e preservar as nascentes e os cursos das “Águas” doces; preservá-las com “Árvores” preferencialmente nativas e de floração relevante; criar conexões terrestres com “Caminhos” e trilhas, interna e externamente a este espaço verdejante inserido no tecido urbano.

Entregando-me ao fazer imaginário, separei os verdes médios e escuros para os locais das nascentes protegidas por bosques cercados fisicamente; os matizes de rosas e vermelhos indicam florações arbóreas localizadas ao longo do rio e nos entroncamentos fluviais; os lilases e azuis para outras espécies floridas, plantadas

CALÓ. Flávia Camerlingo. Águas verdes: sinuosidades poéticas na malha urbana de Curitiba¹, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2092-2106.

ao longo dos caminhos e, por fim, a cor alaranjada, escolhi para marcar as diversas trilhas e caminhos possíveis.



Figura 7: Flávia Camerlingo (1962). “Águas, Árvores, Caminhos”, 2016-2017. Nanquim, lápis aquarelado e caneta hidrocor sobre papel vegetal, 38,6 x 95,2 cm. Acervo da artista.

Lembrando o geógrafo Dardel (2015), “[...] o caminho sublinha a geografia dos campos que ele atravessa; coloca em evidência as ondulações do solo, anima os largos horizontes da planície, clareia as sombras frondosas da floresta; sua fuga para o horizonte penetra a imaginação [...].” O solo, pintado em um tom de amarelo esverdeado, imprimiu luminosidade que destacou o desenho. O traçado verde e fino do rio mesclou-se suavemente aos “riscados” de diversos matizes e às linhas espessas de cor alaranjada. Saindo do ambiente renaturalizado, o processo de pintura modifica-se e o tecido urbano, colorizado e texturizado em matizes de castanho, remete à ideia de chão, de terra.

O ressurgimento de um rio localizado em uma região urbana consolidada, bem como a visualização imaginária desta paisagem, produziu-me, desde o início, questões relacionadas com a existência de ambientes protegidos por espécies vegetais nativas, traduzidas pela ideia de se projetar, para as cidades, áreas verdes que contenham pequenos bosques entrelaçados por caminhos, de forma que induzam as pessoas a interagirem com um ambiente mais natural. Esta vivência atuará como elemento de tomada de consciência para a sua preservação.

Sinuosidades poéticas: a exposição

Aqui emerge todo o processo poético, que resultou em uma exposição ocorrida em outubro de 2016, no SOMA Galeria¹² (figura 8).

CALÓ. Flávia Camerlingo. Águas verdes: sinuosidades poéticas na malha urbana de Curitiba¹, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2092-2106.



Figura 8: Flávia Camerlingo (1962). Espaço expositivo – SOMA Galeria, Curitiba, 2016.
1 fotografia, color, digital.
Acervo digital da autora.

Os desenhos foram fixados em duas placas de acrílico transparente e formaram montagens expositivas que ocuparam dois painéis bidimensionais de madeira, de cor branca e de dimensões distintas, instalados lado a lado.

O propósito da montagem expositiva nº 1 (figura 9), instalada no painel à esquerda (figura 8), foi o de criar leitura que mostre, em três desenhos, a transformação gráfica para o ressurgimento do rio Água Verde na seguinte disposição: “Insensível Realidade” (figura 5), fixado acima, à esquerda e posterior à placa de acrílico; “Transbordamento” (figura 6), fixado abaixo, à direita e em posição frontal em relação à placa; e o terceiro, “ARR p\lb” (figura 4), fixado atrás e parcialmente visível. Com esta dinâmica busquei realçar um indício de profundidade relacionada com camadas geográficas, por pequenas espessuras criadas pela inserção das folhas de papel vegetal na placa acrílica e no espaço existente entre esta e o painel na parede.



Figura 9: Flávia Camerlingo (1962). Montagem expositiva nº 1: desenhos “ARRp1b”, “Insensível Realidade”, “Transbordamento”, 2016. 1 fotografia, color, digital.
Acervo digital da autora.

A montagem expositiva nº 2 (figura 10) apresentou a consolidação imaginária da área transformada através de “Águas, Árvores, Caminhos” que, especificamente para a exposição, foi dividida em dois suportes pictóricos. O primeiro desenho, correspondendo à malha urbana, foi fixado posteriormente à placa; o segundo, recortado organicamente de maneira a destacar o conjunto de quarteirões verdes, foi fixado frontalmente, o que intensifica a proximidade do observador.



Figura 10: Flávia Camerlingo (1962). Montagem expositiva nº 2; Desenho “Águas, Árvores, Caminhos”, 2016. 1 fotografia, color, digital
Acervo digital da autora.

Foz¹³: reflexões finais

O resultado pictórico desta investigação artística traz a intenção do possível retorno de um curso d'água à vida: o rio Água Verde, em Curitiba. Na transformação gráfica

o rio permanece como linha: a água, em sua fluidez conceitual, foi o meio com que alterei virtuosamente o ambiente geográfico ao redor. Foi processo compartilhado de proteção entre o percurso das águas e o seu entorno.

Em contraponto aos traçados retilíneos de fato, tanto do rio Água Verde quanto do arruamento existente no seu entorno, as linhas que formam as “quadras orgânicas” e os caminhos inseridos nelas são o resultado de um feitiço individual de construção e reconstrução desta linha, realizado, metodicamente, diversas vezes, até alcançar o equilíbrio estético que almejei do conjunto. Para o poeta Mario Quintana, diferentemente de uma linha reta, sem imaginação, a linha curva é “O caminho mais agradável entre dois pontos.” (PENSADOR, [20--]).

A cor foi determinante, nesta trajetória criativa, para expor minhas ideias. Semelhantemente a um bordado produzido em suporte neutro, os diversos tons usados indicam a superfície do local. Uma extensão territorial que pode ser apreendida pelo olhar está, em minha pesquisa, diretamente relacionada com à experiência geográfica de compreender a fisionomia do rio Água Verde renaturalizado.

Rios urbanos canalizados perdem a sua fisionomia original e, com o passar do tempo, a sua história se esvai e reduz-se a memórias orais e documentais arquivadas. A memória individual está, sempre, presente nas obras poéticas. Alguns artistas deixam aparente esta conversa, em outros ela está submersa, insinua-se ou deixa vestígios para o observador que se sensibiliza através de suas próprias memórias.

Notas

¹ Pesquisa artística desenvolvida no curso de Pós Graduação, Especialização em Poéticas Visuais da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), no período de 2014 a 2017, sob a orientação da Profª Drª Maria Virginia Gordilho Martins, adjunta ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPPGAV), Escola de Belas Artes (EBA), Universidade Federal da Bahia (UFBA).

² Joshua David e Robert Hammond uniram-se para defender a criação de um parque elevado, pela utilização da antiga estrutura ferroviária chamada *High Line* em Manhattan NYC. Em 1999, fundaram a ONG *Friends of the High Line*, para viabilizar tal ideia. A equipe escolhida para a realização do projeto e administração da sua execução foi a do escritório James Corner Field Operations, em parceria com o escritório Diller Scofidio + Renfro. A inauguração do parque ocorreu em 2009.

³ A obra *Time Landscape of New York* localiza-se na esquina da *La Guardia Place* com *West Houston Street*, no bairro *Greenwich Village*, Manhattan, cidade de Nova Iorque. Tanto a pesquisa histórica quanto a execução do projeto tiveram a participação da comunidade local e também do Departamento de Parques e Recreação da Cidade de Nova Iorque.

⁴ Filho de imigrantes alemães, Arthur Wischral nasceu em 1894 e registrou por mais de 50 anos os momentos marcantes da evolução de Curitiba e do Paraná; documentou o cotidiano da cidade, sua urbanização, obras ferroviárias, agricultura, o homem do interior e do litoral. Desde o início da década de 1910, já trabalhava como repórter fotográfico, carreira em que se firmou como um dos mais importantes profissionais do país. Desenvolveu trabalhos também no Rio de Janeiro, Santa Catarina e Bahia. (Jornal *Tribuna do Paraná*, 2007).

⁵ Mapa Regional Matriz – Administração – Arruamento. Curitiba, 2014. Escala 1: 10.000 (Instituto de Pesquisas Urbanas de Curitiba – IPPUC).

⁶ Mapa Regional Matriz – Altimetria. Curitiba, 2013. Escala 1: 10.000 (Instituto de Pesquisas Urbanas de Curitiba – IPPUC).

⁷ *Universal Transversa de Mercator*. “UTM é um sistema de coordenadas baseado no plano cartesiano (eixo x,y) e usa o metro (m) como unidade para medir distâncias e determinar a posição de um objeto. Diferentemente das Coordenadas Geodésicas, o sistema UTM não acompanha a curvatura da Terra e, por isso, seus pares de coordenadas são chamados de coordenadas planas. Os fusos do sistema UTM indicam em que parte do globo as coordenadas obtidas se aplicam, uma vez que o mesmo par de coordenadas pode se repetir nos 60 fusos diferentes.” (SILVA; GUALBERTO; TUPINAMBÁS, 2013).

⁸ Mapa Regional Matriz – Altimetria: vide nota 6.

⁹ Hipsometria é a arte de representar a elevação de um terreno através de um sistema de graduação de cores. “As cores não são aleatórias, mas obedecem a uma convenção – o marrom (ou alaranjado) mais escuro representa as maiores altitudes (montanhas, serras, cordilheiras, chapadas), cuja tonalidade vai clareando conforme diminuem as altitudes; o amarelo representa médias altitudes (geralmente planaltos) e o verde, as baixas altitudes (planícies). As águas continentais (rios, lagos) e marítimas se representam em azul – quanto mais carregada for a tonalidade do azul nos mares e oceanos mais profundos eles são.” (MENDONÇA, 2007).

¹⁰ “Orgânico: *adj.* (1601 cf. RecCir) **1** relativo ou pertencente a um ou mais órgãos de um animal, uma planta ou um fungo **2 p.ext.** característico de, pertinente a ou derivado de organismos vivos [...] **8** ARQ cuja estrutura e planta baixa atendem perfeitamente às exigências funcionais e compõem um todo intelectualmente lícido e íntegro, à semelhança das formas vegetais ou animais (diz-se de arquitetura, prédio etc.) [...] **9** ESC PINT relativo ou pertencente à obra de arte cujos contornos e formas irregulares se assemelham aos encontrados na natureza.” (HOUAISS, 2001, p. 2078-2079).

¹¹ Matas ciliares. Áreas consideradas frágeis ou importantes como, neste caso, as margens e o entorno das nascentes, são chamadas áreas de “preservação permanente”. Este qualidade implica na proibição de qualquer intervenção no local. As metragens de proteção nas margens dos cursos d’água vão de 30 m a 500 m, conforme a sua largura, e de 50 m de raio no entorno das nascentes. (GUIA ECOLÓGICO, 2012).

¹² SOMA Galeria: galeria de arte no centro de Curitiba que recebe exposições, ateliês, residentes, arte e educação dirigida por Eduardo Amato e Malu Meyer. Endereço web: <<https://www.somagaleria.com>>.

¹³ “Foz, ou desembocadura, é o local onde um corpo de água fluente, como um rio, deságua em outro corpo de água, o qual pode ser outro rio, uma lagoa, um grande lago, um mar, ou mesmo um oceano. Em linhas gerais, há três tipos de fozes fluviais: a do tipo estuário em forma de funil, como a foz do rio Congo, o [tipo] delta formado por um leque de canais e ilhas, como no Nilo, e a foz mista (barra), com algumas ilhas laterais, mas uma foz principal larga, como no caso do Amazonas.” (WIKIPÉDIA, [20--]).

Créditos. Ana Carolina Tonetto: tradução português – inglês. Arthur Virmond de Lacerda Neto: revisão de português.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. (Biblioteca do Pensamento Moderno).
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção Estudos, 230).
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Estudos, 292).
- DAVID, Joshua. *High Line: a história do parque suspenso de Nova York*. São Paulo: BEI Comunicação, 2013.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 6. ed. 2. reimp. São Paulo: Edusp, 2014. (Coleção Milton Santos, 10).
- SONFIST, Alan. *Nature the end of art: environmental landscapes*. Florence: Gli Ori, 2004.

Referências web

- DESTEFANI, Cid. Pelas voltas do Água Verde. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 out. 2009. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e->

cidadania/colunistas/nostalgia/pelas-voltas-do-agua-verde-bxp6xqqb17pe2e50v4akk6xji>.

Acesso em: set. 2015.

FERNANDES, José Carlos. O rio Água Verde não passa mais aqui. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 02 out. 2009. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/o-rio-agua-verde-nao-passa-mais-aqui-bx86hl40lgjm7yimlhgh70klq>>. Acesso em: set. 2015.

FUNDAÇÃO Cultural expõe fotos históricas de Arthur Wischral. *Jornal Tribuna do Paraná*, Curitiba, 26 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/mais-pop/fundacao-cultural-expoe-fotos-historicas-de-arthur-wischral>>. Acesso em: 2016.

MATAS ciliares. Disponível em: <<https://guiaecologico.wordpress.com/2012/04/04/a-importancia-das-matas-ciliares>>. Acesso em: dez. 2016.

MENDONÇA, Cláudio. *Topografia (1): hipsometria e curvas de nível*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/topografia-1-hipsometria-e-curvas-de-nivel.htm>>. Acesso em: nov. 2016.

PENSADOR. *Mario Quintana*. Disponível em: <https://pensador.uol.com.br/autor/mario_quintana>. Acesso em: dez. 2016.

SILVA, Célio Henrique Souza; GUALBERTO, Sandoval; TUPINAMBÁS, William Junio Marques. *Coordenadas Topográficas x Coordenadas UTM*. Orientação: Cláudia Saraiva. Disponível em: <<http://mundogeo.com/blog/2013/06/05/coordenadas-topograficas-x-coordenadas-utm>>. Acesso em: nov. 2016.

SONFIST, Alan. *Time Landscape*. Disponível em: <<http://www.alansonfist.com>>. Acesso em: set. 2015.

WIKIPÉDIA. *Foz*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Foz>>. Acesso em: dez. 2016.

Flávia Camerlingo Caló

Artista. Especialista em “História da Arte – século XX” pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), 2004. Especialista em “Poéticas Visuais” pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), 2017.